

O Senado vai dar Ibope

08 JAN 1983

LUSTOSA DA COSTA

Da Editoria Política

CCARDO FOTO

O Senado deve retomar expressão de destaque na cena política brasileira, a partir de 1º de março. A Câmara Alta voltará a dar Ibope e a despertar a atenção do país pela alta qualificação técnica de alguns de seus novos membros e pelo prestígio de monstros sagrados da negociação política que também abrigará.

A televisão está de olho em homens públicos como Roberto Campos, Severo Gomes, Fernando Henrique Cardoso, Albano Franco, indicador de que os outros veículos de comunicação vão se interessar novamente por cobrir as atividades do Congresso, de que se estavam distanciando.

As ciências sociais e a economia, de um modo geral, serão privilegiadas no próximo Senado que acolherá nada mais e nada menos que o Embaixador Roberto Campos, Ministro do Planejamento do governo Castello Branco e responsável pela implantação da política econômico-financeira vigente desde 1964.

Do outro lado da cerca, estará o mais qualificado economista da Oposição, Roberto Saturnino, que acaba de ser reeleito na torrente de votos que levou ao Governo do Rio o Engenheiro Leonel Brizola.

Ainda na Oposição, estará um ex-colega de ministério de Roberto Campos, Severo Gomes, que pinta também como um grande articulador, com a vantagem de manter abertos os canais com o General Ernesto Geisel, de quem também foi auxiliar direto.

Um cientista social de prestígio internacional, Fernando Henrique Cardoso, vai-se sentar na cadeira que foi de Franco Montoro, e estréia, como Campos e Gomes, na atividade parlamentar.

O debate econômico-financeiro contará com o concurso de um líder empresarial afirmativo como o presidente da CNI, Albano

Franco, do ex-Governador do Ceará, Virgílio Távora, do Senador José Lins e de seu colega Luís Cavalcante, este também pedestre, mas severo crítico do Governo e de seus sortidos pacotes.

O plenário do Senado deverá ser movimentado por bons oradores. Prevê-se que dois bons esgrimistas da palavra, Alvaro Dias, um dos senadores mais moços do país e homem público de fulgurante carreira, e Marcondes Gadelha, que trocou o grupo autêntico do MDB pelo selo de Abrahão do governo, tentarão manter o prestígio alcançado pela Casa, quando dos debates travados entre Jarbas Passarinho e Paulo Brossard, que não conseguiram reeleger-se.

No plano da articulação e da costura políticas, a Oposição contará com políticos experientes como o líder do PMDB, Humberto Lucena, o ex-Governador de Goiás, Mauro Borges, o ex-Ministro Severo Gomes, Roberto Saturnino, este do PDT, enquanto a bancada do Governo virá com seus marechais: Luís Viana Filho, José Sarney, Marco Antônio Maciel, Jorge Bornhausen, entre outros.

A Câmara e o Senado não serão apenas palco de animados duelos verbais, em seus plenários. Haverá muito espaço para a negociação feita no seu cafetinho, nos

restaurantes de Brasília e nos apartamentos e residências de seus ministros e parlamentares. Sem se falar nas atividades das comissões técnicas, em que poderá destacar-se o especialista em assuntos trabalhistas do Governo, Carlos Chiarelli, que chega à Câmara Alta com a grave responsabilidade de ocupar a cadeira que foi de Paulo Brossard.

Não é absolutamente seguro que homens públicos bem sucedidos noutras áreas, como Roberto Campos, Severo Gomes e Fernando Henrique Cardoso tenham êxito numa atividade que até então lhes era absolutamente estranha. Da mesma maneira que não se devem desconhecer as potencialidades de José Inácio, do Espírito Santo, Mário Maia, do Acre, Fábio Lucena, do Amazonas, Hélio Gueiros, do Pará, João Lobo, do Piauí, Carlos Alberto, do Rio Grande do Norte, Guilherme Palmeira, de Alagoas, Marcelo Miranda, de Mato Grosso do Sul, entre outros.

Há, porém, uma convicção generalizada de que o Senado contará com uma representação ainda melhor qualificada do que a atual e de que terá muito o que dizer ao país, em suas crises políticas, e em especial diante da conjuntura econômico-financeira a que nos levaram dezoito anos de autoritarismo.

